



**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,**  
**EXTENSÃO E CULTURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU –**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FRANCÊS**

**CAMILA KREPE DE OLIVEIRA**

***A LITTÉRATURE-MONDE* NA AULA DE FRANCÊS:  
DESCONSTRUINDO VISÕES EUROCÊNTRICAS**

As contribuições de Maryse Condé e Anna Moï

Rio de Janeiro

2026

**CAMILA KREPE DE OLIVEIRA**

***A LITTÉRATURE-MONDE NA AULA DE FRANCÊS: DESCONSTRUINDO VISÕES  
EUROCÊNTRICAS***

As contribuições de Maryse Condé e Anna Moï

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu–Curso de Especialização em Ensino de Francês, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Alves Carvalho Corrêa

Rio de Janeiro

2026

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

O48	<p>Oliveira, Camila Krepe de <i>A littérature-monde</i> na aula de francês : desconstruindo visões eurocêntricas : as contribuições de Maryse Condé e Anna Moï / Camila Krepe de Oliveira. – Rio de Janeiro, 2026.</p> <p>28 f.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.</p> <p>Orientador: Patrícia Alves Carvalho Corrêa.</p> <p>1. Língua francesa - Estudo e ensino. 2. Decolonialidade. 3. Prática docente. 4. Condé, Maryse, 1937-2024. 5. Moï, Anna. I. Corrêa, Patrícia Alves Carvalho. II. Colégio Pedro II. III. Título.</p> <p>CDD 440</p>
-----	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

**CAMILA KREPE DE OLIVEIRA**

**A LITTÉRATURE-MONDE NA AULA DE FRANCÊS: DESCONSTRUINDO VISÕES  
EUROCÊNTRICAS**

As contribuições de Maryse Condé e Anna Moï

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Francês, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês

Aprovado em 27 de março de 2026.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Patrícia Alves Carvalho Corrêa  
Colégio Pedro II  
Orientadora

---

Prof. Dr. Jorge de Azevedo Moreira  
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2026

Aos meus filhos, Gustavo e Gabriela, fontes inesgotáveis de amor e inspiração.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui, sendo a força e o guia em todos os momentos desta jornada.

Aos meus pais, que lutaram incessantemente pela minha educação e me mostraram, através do exemplo e do amor, que o conhecimento é a chave para descobrir e transformar o mundo.

Aos professores do curso de Especialização em Ensino de Francês do Colégio Pedro II, pela dedicação, pelo entusiasmo e pela excelência partilhada durante toda a formação. Um agradecimento especial à minha orientadora, professora Patrícia Alves Carvalho Corrêa, pela atenção, pela paciência e pelo cuidado fundamental durante a condução deste trabalho.

Sobretudo, à educação pública de qualidade que, desde o ensino primário, vem me moldando e permitindo que eu me torne uma pessoa melhor a cada dia. Este trabalho é, também, um fruto da resistência e da importância do ensino público gratuito e transformador.

## RESUMO

OLIVEIRA, Camila Krepe de. **A *littérature-monde* na aula de francês: desconstruindo visões eurocêntricas.** As contribuições de Maryse Condé e Anna Moï. 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2026.

Este trabalho de conclusão de curso analisa a aplicação do conceito de *littérature-monde* no ensino de Francês, com o intuito de desconstruir visões eurocêntricas presentes no ambiente pedagógico. O objetivo central consiste em investigar como as trajetórias e obras das escritoras Maryse Condé e Anna Moï contribuem para uma prática docente decolonial, plural e representativa da diversidade francófona. Para isso, o trabalho analisa dois textos, os ensaios *Liaison dangereuse* e *L'autre*, de autoria de Maryse Condé e Anna Moï, respectivamente. Ambas são signatárias do manifesto literário *Pour une littérature-monde*, publicado em 2007. Os resultados mostram que Maryse Condé vê a língua francesa como um meio de resistência e afirmação da sua identidade. Já Anna Moï mostra que o francês pode ser um lugar de refúgio e de liberdade para quem o aprende. A conclusão do estudo indica que a inclusão dessas vozes na sala de aula ajuda o aluno a sentir-se mais confiante. Ele compreende que o francês não pertence só à França, mas a todas as pessoas que o utilizam no mundo. O valor deste trabalho está em oferecer uma nova visão para os professores, incentivando-os a valorizar a história e a voz de cada estudante no processo de aprendizagem. Assim, a pesquisa defende um ensino que respeite as diferenças e ajude o aluno a apropriar-se do idioma de forma autêntica e original, combatendo rótulos que muitas vezes excluem quem não é europeu.

**Palavras-chave:** *littérature-monde*; transnacionalidade; alteridade; ensino de francês

## RÉSUMÉ

OLIVEIRA, Camila Krepe de. **La littérature-monde en classe de français : déconstruire les visions eurocentrées.** Les contributions de Maryse Condé et Anna Moï. 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2026.

Ce travail analyse l'application du concept de « littérature-monde » dans l'enseignement du Français, dans le but de déconstruire les visions eurocentrées présentes dans le milieu pédagogique. L'objectif central est de comprendre comment les parcours et les œuvres des écrivaines Maryse Condé et Anna Moï contribuent à une pratique pédagogique décoloniale, plurielle et représentative de la diversité francophone. Pour ce faire, ce travail analyse deux textes, les essais *Liaison dangereuse* et *L'autre*, écrits par Maryse Condé et Anna Moï, respectivement. Toutes deux sont signataires du manifeste littéraire *Pour une littérature-monde*, publié en 2007. Les résultats montrent que Maryse Condé perçoit la langue française comme un moyen de résistance et d'affirmation de son identité. Anna Moï, quant à elle, montre que le français peut être un espace de refuge et de liberté pour ceux qui l'apprennent. La conclusion de l'étude indique que l'inclusion de ces voix en classe contribue à renforcer la confiance des étudiants et des étudiantes. Ils comprennent que le français n'appartient pas seulement à la France, mais à toutes les personnes qui l'utilisent dans le monde. La valeur de ce travail réside dans l'offre d'une nouvelle perspective aux enseignants, en les encourageant à valoriser l'histoire et la voix de chaque étudiant dans le processus d'apprentissage. Ainsi, la recherche soutient un enseignement qui respecte les différences et aide l'apprenant à s'approprier de la langue de manière authentique et originale, en combattant les étiquettes qui excluent souvent ceux qui ne sont pas européens.

**Mots-clés :** littérature-monde ; transnationalité ; altérité ; enseignement de français

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 ENTRE OS DISTANTES E OS DISTINTOS.....</b>	<b>11</b>
2.1. O texto literário e a desconstrução da visão eurocêntrica no ensino de francês...11	
2.2. O francês tem dono? .....	14
<b>3 A LITTÉRATURE-MONDE NA AULA DE FRANCÊS: AS CONTRIBUIÇÕES DE MARYSE CONDÉ, EM LIAISON DANGEREUSE E DE ANNA MOÏ EM L'AUTRE ....</b>	<b>17</b>
3.1. <i>Liaison dangereuse</i> , de Maryse condé.....	17
3.2. <i>L'autre</i> , de Anna Moï.....	21
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o ensino de línguas estrangeiras, especialmente o de francês, esteve associado a uma valorização quase exclusiva de produções literárias vindas da França. Essa tradição, além de reforçar uma visão eurocêntrica da língua francesa e de sua cultura, tende a silenciar vozes de outros territórios francófonos, restringindo a compreensão da diversidade cultural, histórica e identitária que compõe o universo francófono moderno. Nesse cenário, o conceito de *littérature-monde*<sup>1</sup> surge como uma proposta de ruptura com modelos hegemônicos, ao reconhecer que narrativas literárias escritas em língua francesa são plurais e podem ser abordadas pedagogicamente em sala de aula, lugar propício ao encontro com o outro e o diverso.

O objetivo deste trabalho é, pois, discutir a inclusão da *littérature-monde*, com produções literárias de fora da Europa, nas aulas de francês, desconstruindo assim visões de mundo eurocêntricas. Para tal, concentraremos nossas reflexões na análise de textos de Maryse Condé (Guadalupe) e Anna Moï (Vietnã). Seus textos abordam temas fundamentais como identidade, memória e as tensões culturais presentes no universo francófono. A escolha dessas autoras justifica-se pela importância de suas obras no debate pós-colonial e pelo vasto potencial de exploração pedagógica de seus textos no ensino de francês como língua estrangeira.

Buscaremos entender, principalmente, de que forma a *littérature-monde*, através dos textos de Maryse Condé e Anna Moï, pode contribuir não apenas para a desconstrução de visões eurocêntricas no ensino de francês, bem como para a formação de leitores críticos e perspicazes. A inclusão de obras literárias francófonas de origens diversas nas aulas de francês pode ampliar o repertório cultural dos alunos e promover reflexões sobre diversidade, poder e identidade, favorecendo uma abordagem mais ampla e crítica da língua francesa.

Este trabalho busca sobretudo contribuir com reflexões acerca do lugar da literatura na sala de aula de francês e oferecer caminhos para uma pedagogia que valorize a pluralidade cultural e a consciência crítica do aluno, a partir da leitura de textos da *littérature-monde* em sala de aula.

---

<sup>1</sup> Conceito proposto pelo manifesto “Pour une ‘littérature-monde’ en français”, assinado por 44 escritores, publicado em 2007, no jornal *Le Monde*. O manifesto propôs o fim do termo francofonia e o surgimento de uma literatura mundo, desvinculando, dessa forma, a língua francesa da ideia de nação.

Ao longo do trabalho, buscaremos compreender o conceito de *littérature-monde* e sua relação com o espaço francófono; analisar temas e discursos presentes nas obras selecionadas; e refletir sobre o potencial desses textos para o desenvolvimento da competência intercultural dos alunos. Ambicionamos assim, contribuir para uma prática docente mais inclusiva, crítica e alinhada com a diversidade que caracteriza a língua francesa no contexto global.

## 2 ENTRE OS DISTANTES E OS DISTINTOS

### 2.1 O texto literário e a desconstrução de uma visão eurocêntrica no ensino de francês

Ao longo da história do ensino do francês como língua estrangeira, o texto literário passou por diferentes momentos, marcados por mudanças de métodos e de concepções de leitura. Até a década de 1950, durante o período conhecido como “grandeza” (Miguel Sobrinho, 2014), predominava o método de gramática-tradução, no qual os textos literários muito embora considerados fontes incontestáveis de conhecimento, eram apresentados sob a forma de pequenos excertos frequentemente separados de seu contexto histórico e cultural. A partir dos anos 1980, com a consolidação da abordagem comunicativa, observa-se um período de “decadência” do texto literário, que passa a ser tratado apenas como mais um documento autêntico capaz ilustrar conteúdos linguísticos previamente trabalhados. No final dessa mesma década, surge um movimento de renovação, no qual o leitor passa a ser visto como determinante na construção de sentidos, e o texto literário, por sua vez, como um *corpus* intercultural por excelência.

A inclusão de textos da chamada *littérature-monde* nas aulas de francês, como os de Maryse Condé e Anna Moï, suscita um deslocamento que vai além da simples troca de conteúdo, pois propõe uma nova postura do leitor diante do texto literário, em que o estudante deixa de ser apenas receptor da cultura alheia para se tornar um leitor determinante, reconhecendo a alteridade não como algo exótico, mas como um meio de interrogar sua própria identidade. A leitura em língua estrangeira, no entanto, já apresenta em si desafios bastante particulares. O estudante-leitor precisa lidar com termos que, antes de tudo, precisam ser decodificados para então tornarem-se passíveis de compreensão contextual. Essa passagem da identificação para a compreensão não acontece ao mesmo tempo e exige um esforço cognitivo que pode comprometer a percepção das questões culturais e identitárias presentes nos textos literários. Isso torna o papel do professor enquanto mediador, fundamental.

Além disso, o texto literário contém espaços que cabe ao leitor preencher e interpretar. No caso da *littérature-monde*, esses espaços são tomados por referências históricas e culturais diversas, que demandam frequentemente conhecimentos de caráter histórico, geográfico, sociológico, dentre outros. Nesse sentido, ao trabalhar com

textos que rompem com a visão eurocêntrica, o professor deve mediar esse encontro, auxiliando o aluno a superar o momento da decodificação para que ele possa, enfim, atualizar os sentidos de resistência e de pluralidade contidos na produção francófona contemporânea.

A desconstrução do eurocentrismo proposta por este capítulo busca transformar a própria experiência de leitura. Ao apresentar em sala de aula textos literários de Condé e Moï, por exemplo, o professor põe o estudante diante de textos de fruição (*jouissance*) que, segundo Barthes (2006), provocam um estado de perda e de desconforto ao colocarem em crise as relações do leitor com a linguagem e a cultura. É precisamente nesta 'lacuna' (Miguel Sobrinho, 2014) aberta por textos da *littérature-monde* que ocorre o reconhecimento da alteridade, permitindo que o estudante rompa com a visão única e colonial do idioma, expandindo seu horizonte para além das fronteiras da França.

Em um contexto atravessado por fenômenos como globalização, migrações e avanços tecnológicos, a didática das línguas não pode restringir-se a aspectos exclusivamente linguísticos ou ignorar a diversidade cultural e as representações que os aprendizes constroem sobre si e sobre o outro. Pelo contrário, o ensino do francês como língua-cultura estrangeira exige que a alteridade seja compreendida como dimensão constitutiva e indissociável do processo de aprendizagem.

Almeida (2013) analisa uma experiência formativa desenvolvida na USP, na qual questionários aplicados a alunos da graduação Letras-Francês revelam representações fortemente estereotipadas da França como um reduto de 'alta cultura' (artes, vinhos, filosofia), enquanto enxergam o Brasil com olhos de inferioridade, limitado aos seus aspectos naturais.

Essa visão é frequentemente reforçada por materiais didáticos que difundem uma imagem idealizada da Europa, silenciando, por exemplo, graves problemas sociais. Para romper com essa lógica, torna-se fundamental o desenvolvimento da perspectiva intercultural. Trata-se de estabelecer relações entre a cultura de origem e a cultura-alvo, permitindo ao aluno construir pontes entre sua realidade e o universo do outro, promovendo, assim, o reconhecimento da alteridade.

Nesse contexto, a sala de aula configura-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento do respeito ao outro, pois promove o encontro entre visões de mundo diferentes. No ensino de francês, o contato com a cultura do outro não anula

a identidade do aprendiz, mas permite a valorização da própria cultura, uma vez que o aluno estabelece relações entre as duas. O professor assume o papel fundamental de mediador intercultural, conduzindo o estudante na descoberta de outras formas de viver, pensar e se expressar, o que torna possível a construção de pontes entre universos culturais distintos.

Dentre os instrumentos disponíveis para essa mediação, o texto literário destaca-se como o espaço mais denso e proveitoso para a realização dessas trocas. Após atravessar um período de sacralização e, em seguida, de banalização, o texto literário volta a ocupar lugar de destaque nas abordagens contemporâneas por sua capacidade de problematizar identidades, valores e tensões sociais. Ao privilegiar produções americanas e asiáticas de expressão francesa, por exemplo, a aula de francês amplia o leque cultural dos estudantes e rompe com a centralidade exclusiva da França.

Essa ideia aproxima-se do que preconiza o manifesto *Pour une littérature-monde en français*, que propõe reunir, em torno do francês, vozes plurais partindo dos cinco continentes. O intercultural, nesse sentido, busca unir o 'distante' e o 'distinto' em torno de uma unidade que não apaga diferenças, mas as coloca em diálogo. A *littérature-monde*, portanto, torna-se um meio de construir pontes interculturais, permitindo que a língua francesa apareça como espaço de encontro e não de imposição cultural. Uma das vantagens da exploração de textos da *littérature-monde* na aula de francês está justamente nas rupturas e quebras de perspectivas que eles podem provocar, levando o aluno a questionar visões eurocêntricas e a ampliar sua compreensão do mundo.

A abordagem intercultural, entretanto, exige do professor uma postura investigativa e criativa, pois ainda se carece de materiais didáticos sistematizados. Faz-se necessário criar situações de sensibilização e reflexão: debates sobre igualdade de gênero, liberdade religiosa, diversidade cultural e relações interculturais, por exemplo. A literatura oferece narrativas capazes de humanizar essas questões, tornando-as mais próximas e significativas. Dessa forma, o texto literário deixa de ser um mero objeto de análise gramatical e passa a ser uma ponte que conecta a subjetividade do estudante às complexidades do mundo. Ao mediar esse encontro, o professor permite que o aprendizado da língua estrangeira ultrapasse a competência linguística, promovendo uma formação cidadã crítica e empática.

## 2.2 O francês tem dono?

A pergunta que dá título à esta seção ganha fôlego com o debate sobre a morte do termo francofonia e o nascimento de uma *littérature-monde* em francês. Este movimento questiona a visão tradicional de que uma língua estaria ligada a um pacto exclusivo com uma nação, defendendo que o tempo das línguas puramente nacionais se esgotou. Ao ser compreendido como uma língua transnacional, o francês liberta-se de um lugar geográfico único para se tornar um território polifônico onde diversas vozes dialogam.

O marco fundamental dessa discussão é o manifesto *Pour une littérature-monde en français*, publicado em 2007 e assinado por 44 escritores de diversas nacionalidades. O documento busca eliminar as definições estreitas que separavam a "literatura francesa" da "literatura francófona", em decorrência da emergência de uma produção literária transnacional. Nesse sentido, a língua francesa passa a ser compreendida como um bem comum que não depende de uma definição geopolítica, mas sim da escolha da língua enquanto meio de expressão e criação. A consolidação desse cenário se dá sobretudo pelo crescente reconhecimento institucional de autores estrangeiros que escrevem em francês.

Os escritores signatários do manifesto adotam o francês como língua de criação e compartilham raízes culturais diversas, frequentemente não europeias. Ao transitarem por universos diversos, tais escritores assumem o papel que Guillén (2009) define como *passseurs culturels*. Alguns desses escritores narram o processo de habitar um idioma que, embora possa ser o de criação, carrega marcas de uma alteridade complexa. É o caso de Maryse Condé, que utiliza o francês como um território de negociação identitária. Para Condé, assim como para outros autores que vivem entre culturas, o francês não é uma herança passiva, mas um espaço de construção de uma voz própria que desafia o cânone tradicional e reflete o choque cultural e a riqueza da diversidade francófona.

Essa negociação identitária mencionada por Condé assume formas variadas na escrita de outros *passseurs culturels*, mostrando que a relação com a língua estrangeira é, muitas vezes, contraditória. Se para alguns o francês representa um renascimento, para outros, ele surge como uma língua inimiga. É o que descreve Ágota Kristóf, escritora de origem húngara, em sua autobiografia *L'Analphabète*:

Eu falo francês há mais de trinta anos, escrevo há vinte, mas ainda não o conheço completamente. Eu não falo sem erros e só consigo escrever com a ajuda de dicionários que consulto frequentemente. É por isso que chamo o francês de uma língua inimiga. Há ainda outra razão, e é a mais grave: esta língua está matando a minha língua materna (2004, p.24).<sup>2</sup>

A autora fala sobre a angústia de ser uma eterna aprendiz, alguém que, apesar de já conhecer bem o idioma, mantém uma ferida aberta pela perda da língua materna. Essa mistura de sentimentos, que vai da dor à celebração, é o que caracteriza a produção desses autores imigrantes. Eles não só escrevem em francês, mas também com o francês e contra ele, transformando o idioma ora em campo de batalha, ora instrumento de cura.

Nessa mesma linha de apropriação, a escritora Anna Moï reforça a ideia de que o francês, ao se tornar uma língua de escrita para autores de diversas origens, deixa de ser a língua do outro para se tornar uma herança de guerra. Para Moï, assim como para Condé, o autor não pede permissão para usar o idioma, ele o toma para si.

A inclusão dos *passeurs culturels* no ensino de francês permite que o aluno explore a complexa construção da alteridade. Como a identidade é algo que se apreende a partir do contato com o outro, a *littérature-monde* oferece ao estudante meios para ele projetar a própria experiência de aprender uma nova língua. Assim, ao trabalhar textos que narram o conflito, a admiração e a apropriação do francês, o professor permite que o aluno perceba a língua não como um sistema rígido e estrangeiro, mas como um espaço de encontro onde ele também pode construir a sua própria identidade e refletir sobre seu lugar no mundo.

Dessa forma, a transformação estabelecida por esses escritores serve como um convite ao aprendiz de francês para que também se sinta autorizado a reconhecer seu próprio uso da língua. Ao deparar-se com textos que desafiam o cânone e rompem as fronteiras entre o centro e a periferia, o aluno é incentivado a abandonar a busca por uma perfeição linguística em favor de uma experiência negociadora. Nessa nova

---

<sup>2</sup> Tradução nossa. Texto original: “Je parle le français depuis plus de trente ans, je l’écris depuis vingt ans, mais je ne le connais toujours pas. Je ne parle pas sans fautes, et je ne peux l’écrire qu’avec l’aide de dictionnaires fréquemment consultés. C’est pour cette raison que j’appelle la langue française une langue ennemie, elle aussi. Il y a encore une autre raison, et c’est la plus grave : cette langue est en train de tuer ma langue maternelle.”

atitude, o estudante deixa de ser um observador passivo de uma cultura distante para se tornar um sujeito ativo, capaz de interpretar as lacunas do texto e de habitar o idioma com suas próprias marcas identitárias. É nesse exercício de leitura que o francês deixa de ser percebido apenas como o idioma do outro e passa a ser vivenciado como um território de possibilidade e de expressão pessoal.

Assim, integrar a literatura ao ensino de francês língua estrangeira não apenas enriquece a aprendizagem, mas também torna o processo mais prazeroso para professores e alunos. Quanto mais o texto literário da então *littérature-monde* for incorporado à prática pedagógica, maiores serão as possibilidades de formação de sujeitos capazes de dialogar com o diverso, pois reconhecerão a diversidade cultural não como um obstáculo, mas sim como um conjunto de outras formas de ser e de compreender o mundo.

### **3 A LITTÉRATURE-MONDE NA AULA DE FRANCÊS: AS CONTRIBUÇÕES DE MARYSE CONDÉ, EM *LIAISON DANGEREUSE* E DE ANNA MOÏ EM *L'AUTRE***

Neste capítulo, refletimos sobre as trajetórias e as obras de Maryse Condé e Anna Moï, especificamente os ensaios *Liaison dangereuse* e *L'autre*, presentes na coletânea *Pour une littérature-monde* (Le Bris; Rouaud, 2007). Apesar de partirem de espaços geográficos e culturais diferentes, reforçando a ideia de língua transnacional, ambas defendem uma língua francesa que serve como instrumento de reconstrução identitária e resistência cultural.

Condé e Moï figuram entre os 44 escritores que, em março de 2007, consolidaram esse pensamento ao assinarem o manifesto *Pour une littérature-monde en français*. Este documento marcou uma ruptura histórica ao anunciar o fim do termo francofonia como categoria segregadora e o nascimento de uma literatura em língua francesa que se reconhece como mundial e diversa. O nascimento da *littérature-monde* propõe uma dissolução de fronteiras, ela desvincula o francês de um pacto exclusivo com a nação francesa, reivindicando-o como uma língua de expressão transnacional, onde a legitimidade da escrita não depende mais de um espaço geográfico, mas da força da própria narrativa.

Buscamos compreender, portanto, como esses textos oferecem meios para desconstruir o eurocentrismo na aula de francês, transformando o ensino da língua em um exercício de alteridade e reconhecimento de novos lugares literários.

#### **3.1 *Liaison dangereuse*, de Maryse condé**

Maryse Liliane Appoline Boucolon nasceu em 1937<sup>3</sup>, em Pointe-à-Pitre, Guadalupe. Posteriormente adotou o sobrenome de seu primeiro marido, Mamadou Condé, passando a ser conhecida mundialmente como Maryse Condé. Criada em

---

<sup>3</sup> O ano de 1937 é a data de nascimento que aparece na maioria das pesquisas sobre Maryse Condé. Na introdução do livro de entrevistas feita por Françoise Pfaff, lançado em 2016, há uma outra data de nascimento, 1934. Porém, observando as datas de eventos que aparecem mais adiante e que estão relacionadas à idade da autora, percebe-se que deve ter ocorrido algum erro e que a data correta de nascimento é mesmo 1937.

uma família da elite negra que se considerava francesa de plenos direitos, Condé cresceu em um ambiente onde o francês era a língua do prestígio e o crioulo era silenciado dentro de casa. Aos 16 anos, mudou-se para Paris para estudar no Liceu Fénelon e, mais tarde, na Sorbonne. Foi nesse período, morando em solo europeu pela primeira vez, que Condé se deu conta de que pertencia à “raça” negra, fato que gerou algumas dificuldades em sua relação com os franceses, como o racismo velado através de olhares de estranhamento e rejeição (Ribeiro, 2017).

Entretanto, sua experiência de vida foi marcada por uma longa permanência vivendo em países diversos como Guiné, Gana, Senegal e Mali. Esse período foi fundamental para a construção de sua identidade e para a publicação de seu primeiro romance, *Heremakhonon*, em 1976. Na África, a autora atuou como professora, mas, após seu divórcio, em 1972, deixou o continente africano com suas quatro filhas. Antes de voltar à Europa, Condé foi para o Senegal onde conheceu seu segundo marido, o cidadão britânico Richard Philcox. A escritora retornou à Guadalupe no início dos anos 1980, onde ficou por pouco tempo.

Suas obras foram objetos de inúmeros prêmios<sup>4</sup> como o grande prêmio literário da mulher, o prêmio Alain Boucheron, em 1986, pelo livro *Moi, Tituba ... sorcière noire de Salem*, e também o prêmio da Academia Francesa com *La vie scélérate* em 1987. A autora que sofria de uma doença neurodegenerativa faleceu em 2 de abril de 2024, em um hospital no sul da França, aos 90 anos. A causa da morte não foi divulgada.

Em suas obras, Maryse Condé não apenas confirmou a ‘morte da francofonia’ tradicional a favor de uma produção literária transnacional e descentralizada, mas também reafirmou sua própria vida de resistência e independência linguística. Para ela, a relação com o francês é um exercício de equilíbrio onde ela se recusa a ser prisioneira das normas coloniais, declarando que não escreve nem em francês, nem em crioulo, mas em uma língua própria, moldada por sua identidade.

Publicado no contexto do manifesto de 2007, o ensaio *Liaison Dangereuse* é um texto reflexivo no qual Condé discute sua relação com a língua francesa. Ela relata que cresceu em uma família que considerava o francês como o caminho para o

---

<sup>4</sup> Em 1997, por *Pays mêlé* e *Désirada* ganhou o prêmio Carbet de la Caraïbe. Em 1999, *Le coeur à rire et à pleurer—souvenirs de mon enfance* ganhou o prêmio Marguerite Yourcenar. Em 2006, Condé ganhou o prêmio Tropiques com *Victoire, les saveurs et les mots*. Em 2010, *En attendant la montée des eaux* vem a público e ganha o prêmio do Roman Métis. Em 2012, é lançada sua autobiografia *La vie sans fards*, pela qual recebe o prêmio Fetkann da memória.

sucesso:

Cresci em uma família que tinha um fetiche pelo francês. Meu pai o venerava como se venera uma mulher. Minha mãe, cuja própria mãe nunca soube ler nem escrever, e muito menos falar o francês, considerava-o como a chave mágica que abria todas as portas do sucesso social (Condé, 2007, p.207).<sup>5</sup>

Em contrapartida, em Guadalupe, o crioulo representava a língua da resistência e da identidade. Durante muito tempo, Condé carregou o peso de um sentimento de culpa por não dominar o idioma local, mas ter fluência impecável no francês, situação que a distanciava de suas raízes e a rotulava como alguém alienada de sua própria cultura.

A autora narra como suas viagens mudaram sua visão de mundo. Na África, onde viveu por anos, ela percebeu que a raça não é o único elo entre as pessoas, pois a cultura e a língua são fundamentais nessa construção. Nos Estados Unidos, onde lecionou em universidades como Berkeley e Columbia, percebeu que, para os americanos, ela era vista apenas como uma francesa, independentemente da cor de sua pele.

A ideia central de seu texto é “Escrevo em Maryse Condé.” Nesse sentido a autora decide que o francês não pertence só aos colonizadores, trata-se de um presente que seus pais lhe deram e uma ferramenta que ela passou a dominar. Existe uma recusa de ser rotulada apenas como escritora francófona ou de ser obrigada a escrever em crioulo para provar sua origem. Condé criou sua própria linguagem: uma mistura de suas experiências na Guadalupe, na África, na França e nos Estados Unidos. Em uma das entrevistas com Françoise Pfaff, ela recebe a pergunta sobre ser uma escritora francófona e rebate:

Eu já lhe disse que escrevo em Maryse Condé. Dizer que Maryse Condé é uma escritora francófona não significa nada. É um rótulo conveniente que as pessoas usam para me distinguir de Norman Mailer ou Philip Roth, que são anglófonos. Mas como escritora, eu me vejo de forma diferente. A maneira como um escritor se vê é sempre diferente do rótulo conveniente que está preso em suas costas (Pfaff, 2016, p. 71).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Tradução nossa. Texto original: “[...]j'ai grandi dans une famille qui avait le fétichisme du français. Mon père le vénérât comme on vénère une femme. Ma mère, dont la propre mère n'avait jamais su ni lire ni écrire, a fortiori parler le français, le considérait comme la clé magique ouvrant toutes les portes de la réussite sociale.”

<sup>6</sup> Tradução nossa. Texto original: “Je t'ai déjà dit que j'écris en Maryse Condé. Dire que Maryse Condé est un écrivain francophone ne veut rien dire. C'est une étiquette commode qu'on me met pour me distinguer de Norman Mailer ou de Philip Roth, qui sont anglophones. Mais moi, en tant qu'écrivain, je

A ideia de alteridade para Maryse Condé é geográfica e racial. Em Paris, o 'outro' é o seu corpo marcado pela raça, ela relata o choque de descobrir-se negra apenas ao pisar em solo europeu, onde a sua cidadania francesa é posta em xeque pela cor da sua pele. Nos Estados Unidos, essa alteridade desloca-se: ela deixa de ser 'a negra' para ser vista como 'a francesa', devido à língua que falava. Na literatura, o 'outro' ganha o rótulo de 'escritora francófona', rótulo esse que ela rejeita por ser uma forma de segregação literária.

*Liaison dangereuse* destaca-se por ser um texto que fundamenta muito bem o conceito de língua transnacional. Condé desafia a dualidade "língua do colonizador vs. língua nativa", propondo uma terceira via, a língua pessoal. Ela é a prova viva de que o aluno de francês não precisa se tornar um "espelho" do falante nativo da França, mas pode usar o idioma para expressar sua própria realidade geográfica e identitária.

Assim como a autora desafia a ideia de que o francês não é uma herança caridosa deixada pela metrópole, no ensino, o professor pode apresentar o idioma não como um instrumento sagrado e intocável, mas como algo que o aluno pode moldar. Decolonizar o ensino aqui significa dizer que a 'língua de Condé' e a língua do aluno são tão legítimas quanto a da França metropolitana. Ao incentivar essa postura, o professor transforma a sala de aula num espaço de experimentação onde as marcas e sotaques do aprendiz deixam de ser vistos como falhas para serem compreendidos como expressões de uma identidade transnacional. Portanto, apropriar-se do francês à maneira de Condé é reivindicar o idioma como um território de liberdade, onde cada estudante pode, finalmente, narrar a sua própria história sem a necessidade de uma autorização colonial.

A leitura de textos de Maryse Condé nas aulas francês humaniza o idioma. Ela retira o peso da perfeição gramatical e coloca o sentido na expressão do ser. Para alunos brasileiros, que muitas vezes enxergam o francês como uma língua chique ou distante, Condé oferece um espelho de resistência e proximidade cultural. Logo a obra contribui para a formação de um aluno crítico e autônomo, auxiliando-o a identificar e a questionar os mecanismos que rotulam o estrangeiro como 'o outro' eterno. Ela ajuda no desenvolvimento da competência intercultural, permitindo que o estudante entenda que a língua francesa é um território amplo, onde cabem as dores da

---

me vis différemment. Le regard que l'écrivain porte sur lui-même est toujours différent de l'étiquette commode qu'on colle sur son dos."

escravidão, as cores do Caribe e a intelectualidade acadêmica. Contribui, sobretudo, para a decolonização do ensino de línguas, mudando o foco de Paris para a personalidade do falante.

### 3.2 *L'autre*, de Anna Moï

A vida da escritora Anna Moï é marcada por grandes eventos geopolíticos que moldaram sua identidade transnacional. A autora nasceu em Saigon, cidade do Vietnã, em 1955, um ano após a Batalha de Diên Biên Phu, que opôs forças da França e do Vietnã; sua chegada ao mundo coincidiu com o êxodo familiar do Norte para o Sul, em virtude da partição política do Vietnã. Moï estudou em escolas francesas desde a infância e, após concluir o ensino médio no Liceu Marie Curie, mudou-se para a França, consolidando sua bagagem intelectual.

Poliglota, a autora domina o vietnamita, o francês, o inglês, o tailandês, o japonês e conhece um pouco de alemão. Após uma carreira no mundo da moda como criadora e coordenadora de sua própria marca, Moï retornou à Ho Chi Minh (antiga Saigon) em 1992, momento em que a escrita em francês surgiu como sua "segunda língua materna". Sua produção literária é vasta, incluindo os contos de *L'écho des rizières* (2001) e romances premiados como *Riz noir* (2004). Como uma das signatárias do manifesto de 2007, Moï reafirma o francês não como uma herança colonial, mas como um território de criação livre.

No ensaio autobiográfico *L'autre*, a autora se descreve como alguém que nasceu no momento errado e no lugar errado, numa família que tentava reconstruir a vida no meio do caos da guerra. Moï reflete sobre sua origem e o papel da língua francesa em sua vida. A autora expõe uma ferida pessoal: sua mãe que já tinha uma filha, esperava que a segunda criança (Anna) fosse um menino. Na sociedade tradicional vietnamita da época, as filhas eram muitas vezes vistas como um fardo. Além disso, a mãe carregava o trauma físico e social de ter perdido um olho, o que a colocava em uma posição marginalizada. Esta relação complexa com a mãe foi, ironicamente, o que impulsionou Anna para a arte e a escrita: "Eu não escrevo em minha língua materna. Sem minha mãe, entretanto, eu não teria sido uma escritora. Por causa do que

ela exaltou ou criticou em mim, recebi, desde muito jovem, as marcas indeléveis da arte (Moï, 2007, p.243).<sup>7</sup>

Nesse sentido, Moï afirma identificar-se muito mais com o pai, de quem herdou o sorriso e o espírito rebelde. Para ela, o pai era uma figura de dupla personalidade: o intelectual espiritual que praticava yoga, estudava teologia, e o ativista político, militar e jornalista que desafiava a censura e lutava contra a discriminação religiosa, o que acabou por levá-lo à prisão. A autora vê na escrita uma forma de continuar o legado do pai, que foi o primeiro da família a publicar livros.

Um dos pontos mais interessantes do texto é a explicação do porquê Moï escrever em francês e não na sua língua materna. Ela explica que no idioma vietnamita, não se pode simplesmente dizer 'eu' ou 'tu'. A escolha do pronome é um marcador social. Para dizer 'eu', a pessoa deve escolher uma palavra que indique se é mais nova, mais velha, de estatuto inferior ou superior ao interlocutor, as pessoas tratam-se por títulos familiares (irmã mais velha, tio, etc.), fixando os sujeitos em uma hierarquia social rígida. O francês, por outro lado, permitia-lhe ver-se livre dessas amarras sociais. A autora ainda relata que, na sua infância, o francês afirmou-se como veículo de encantamento, remetendo-a a um mundo de fantasia e de coisas boas. Enquanto as terríveis notícias sobre a guerra e a morte chegavam pela televisão em vietnamita, o francês era a língua dos contos de fadas que a mãe lia para ela e as irmãs dormirem, tornando-se uma língua de inocência e de um mundo idealizado: "Ao não traduzir a imunda realidade da guerra e seus cortejos fúnebres, o francês era também, durante minha infância, a língua de um mundo ultraterrestre, inalterável. A morte, transmitida pela televisão, era expressa em vietnamita" (Moï, 2007, p.247).<sup>8</sup>

Anna Moï oferece uma visão particular sobre a decolonização do ensino ao focar na independência do sujeito através da língua estrangeira. Em *L'autre*, a decolonização é um processo de libertação das amarras da própria cultura materna. Moï contribui para o ensino de francês ao demonstrar que a língua pode ser um território

---

<sup>7</sup> Tradução nossa. Texto original: "Je n'écris pas dans ma langue maternelle. Sans ma mère, pourtant, je n'aurais pas été une écrivaine. À cause de ce qu'elle exalta ou fustigea en moi, je reçus, dès le plus jeune âge, les zébrures indélébiles de l'art."

<sup>8</sup> Tradução nossa. Texto original: "En ne traduisant pas l'immonde réalité de la guerre et ses cortèges funèbres, le français était également, pendant ma petite enfance, la langue d'un monde ultra terrestre, inaltérable. La mort, relayée par la télévision, était exprimée en vietnamien."

de neutralidade e inocência. Ao destacar que o vietnamita impõe à língua uma hierarquia familiar rígida, a autora apresenta o francês como uma ferramenta que permite ao indivíduo dizer 'Eu' sem estar preso a títulos sociais ou familiares. Na prática docente, isto contribui para uma abordagem humana, na qual aprender francês é oferecer ao aluno um espaço onde ele pode reconstruir a sua identidade livre de certas pressões de sua língua de origem.

O título *L'autre* refere-se à sensação constante que a autora tem de não pertencer totalmente a lugar nenhum. Na família ela era a segunda filha (que deveria ter sido menino); na sociedade era a vietnamita que falava a língua do colonizador; na literatura, mesmo sendo uma escritora de sucesso na França, é rotulada como escritora francófona (estrangeira que escreve em francês), e não simplesmente como uma escritora.

Anna Moï encerra sua reflexão com uma ideia de aceitação universal. A autora percebe que, no mundo moderno e na literatura, todos somos, de certa forma, 'o outro'. Ela convida o leitor a aceitar essa alteridade, enxergando-a não como uma exclusão. Ao integrar esta visão na aula de francês, o ensino deixa de ser uma transmissão de conteúdos eurocêntricos e passa a ser um exercício de alteridade. O aluno aprende que ser 'o outro' ao falar uma língua estrangeira não é uma carência ou um erro, mas uma forma de liberdade e de ligação com uma rede global de sujeitos que, como Moï, habitam as fronteiras entre culturas.

A obra de Anna Moï é fundamental para este estudo pois representa o deslocamento e a apropriação da língua. Ela não é uma escritora que pertence à França por nascimento, mas que habita o francês por desejo. Seus textos permitem discutir o conceito de 'escritor francófono' como o 'outro' que a *littérature-monde* busca superar. Moï exemplifica como o aprendizado de uma língua estrangeira pode ser um ato de rebeldia e de reconstrução. Trata-se de um bom recurso para trabalhar a competência sociolinguística e intercultural, pois permite que o aluno brasileiro, por exemplo, perceba que o francês é um idioma global, capaz de narrar histórias asiáticas, e que a língua estrangeira pode oferecer uma liberdade de expressão. Isso contribui para que o aluno de francês se sinta encorajado a usar a língua para narrar suas próprias dores e sonhos, vendo o idioma como um aliado na construção de sua autonomia.

Ao confrontarmos as trajetórias de Maryse Condé e Anna Moï, percebemos que ambas concordam com a resignificação do francês como um espaço de autonomia

identitária. Enquanto Condé reivindica o francês como um meio de decolonizar o olhar e afirmar uma identidade "própria", Moï encontra no idioma uma ferramenta de libertação diante das amarras hierárquicas e dos traumas da guerra presentes em sua língua materna. Ambas as autoras, ao assinarem o manifesto de 2007, reforçam que a língua francesa não é mais um patrimônio exclusivo de uma nação, mas um organismo transnacional. Para o ensino de francês, essas vozes oferecem um auxílio valioso: elas deslocam o foco da norma gramatical para a veracidade da voz do sujeito, incentivando o aluno a deixar de ser um mero espectador da língua para tornar-se também um habitante real desse novo território linguístico.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs-se a analisar como o conceito de *littérature-monde* pode atuar como um agente decolonizador no ensino de Francês, utilizando como meios as obras e trajetórias de Maryse Condé e Anna Moï. Ao longo deste estudo, foi possível constatar que a inclusão de vozes originárias de espaços geográficos e culturais não-europeus constitui uma necessidade ética e pedagógica para romper com visões eurocêntricas que, durante décadas, confinaram a língua francesa aos limites da França metropolitana.

Ao resgatar o manifesto de 2007, *Pour une littérature-monde en français*, este trabalho demonstrou que a língua francesa vive um processo de transnacionalidade. A análise da trajetória de Maryse Condé revelou que a decolonização do ensino passa, inevitavelmente, pela soberania do falante. Condé nos ensina que o francês não é uma herança passiva, mas uma herança de guerra que o sujeito tem o direito de saquear e reinventar. O seu lema "escrevo em Maryse Condé" serve como um norte para o aluno de francês: a língua estrangeira não deve ser um esquema rígido ao qual o estudante deve se adaptar, mas uma argila que ele pode moldar para expressar a sua própria identidade, sotaque e história.

Por outro lado, o estudo do ensaio *L'autre*, de Anna Moï, trouxe para esta pesquisa o lado afetivo e a complexidade do significado da alteridade. Moï nos permitiu compreender que a língua francesa pode representar um espaço de inocência e um refúgio contra hierarquias sociais e traumas presentes na sua língua materna. Para o ensino de línguas, esta visão humaniza o processo de aprendizagem. Percebe-se que ser 'o outro' ao falar uma língua estrangeira não é uma falha, mas uma condição humana universal e uma forma de liberdade. A contribuição de Moï é importante para que o aluno brasileiro perceba que o seu 'não-pertencimento' inicial à cultura francesa é, na verdade, um território de possibilidades e de ligação com uma rede global de sujeitos que também habitam as fronteiras culturais.

No sentido pedagógico, demonstramos que a literatura transnacional oferece materiais práticos para o desenvolvimento da competência intercultural. A inclusão de Condé e Moï na sala de aula permite ao professor deslocar o foco da norma gramatical para a autenticidade da voz. O erro passa a ser visto como parte da construção de um

sujeito novo e soberano. Esta abordagem combate diretamente o preconceito linguístico e o rótulo de 'francófono' como algo menor ou exótico, elevando o estudante ao lugar de habitante legítimo da língua.

Conclui-se, portanto, que a *littérature-monde* é uma ferramenta indispensável para uma educação linguística libertadora. Ela retira a língua francesa de um pedestal e a coloca no mundo, viva e plural. O valor desta pesquisa reside na defesa de que ensinar francês é, acima de tudo, oferecer ao aluno a oportunidade de se tornar 'o outro' sem perder a si mesmo, transformando a sala de aula num território de resistência contra a hegemonia cultural.

Espera-se que este estudo inspire outros professores de francês a decolonizarem suas práticas, reconhecendo que a verdadeira riqueza da língua francesa não está na sua suposta pureza, mas na sua imensa capacidade de ser habitada por todas as vozes do mundo. O francês, como defendido por Condé e Moï, não pertence a uma nação, pertence a quem se atreve a usá-lo para narrar a sua própria liberdade.

## REFERÊNCIAS

ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine. La littérature comme espace d'apprentissage de l'altérité et du divers. Littératures et politiques, langues et cultures. Traversées franco-brésiliennes. In: **Synergies Brésil**, número spécial 2, 2010, p. 145-155.

ALMEIDA, Alcineia Emmerick de; Aspectos da alteridade na aprendizagem do francês língua-cultura estrangeira: imagens de si e do outro. In: Pietraróia, Cristina Moerbeck Casadei; Albuquerque-Costa, Heloisa. (Org.). **Ensino de língua francesa em contexto(s)**. 1ªed. São Paulo: Paulistana, 2013, v. 1, p. 121-137.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CONDÉ, Maryse. Liaison dangereuse. In: LE LEBRIS, Michel; ROUAUD, Jean (org.). **Pour une littérature-monde**. Paris: Galimard, 2007, p. 206-216.

GENIAL, Beatriz Tereno Correa. Subversões em Eu, Tituba... Bruxa Negra de Salem: Reflexões sobre a crítica provocadora de Maryse Condé. In: **Revista Criação e Crítica**. São Paulo. n. 38, 2024. p. 261-279.

GODARD, Anne (Dir.). **La littérature dans l'enseignement de FLE**. Paris: Didier, 2015.

GUILLÉN, Belén Artuñedo. La "littérature-monde" dans la classe de FLE : passage culturel et réflexion sur la langue. In: **Synergies Espagne**, N° 2, 2009, p. 235-244.

JOUBERT, Jean-Louis. Enseigner les littératures francophones. In: **Le français dans le monde** n.343. 2006. p. 23-25.

KRISTÓF, Ágota. **L'analphabète**. Genève: Éditions Zoé, 2004.

LE MONDE. **Pour une "littérature-monde" en français**. Le Monde, Paris, 16 mar. 2007. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/16/pour-une-litterature-monde-en-francais\\_883572\\_3260.html](https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/16/pour-une-litterature-monde-en-francais_883572_3260.html). Acesso em: 26 ago. 2025.

MARIVAT, Gladys. **L'écrivaine guadeloupéenne Maryse Condé est morte**. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/disparitions/article/2024/04/02/l-ecrivaine-guadeloupeenne-maryse-conde-est-morte\\_6225557\\_3382.html](https://www.lemonde.fr/disparitions/article/2024/04/02/l-ecrivaine-guadeloupeenne-maryse-conde-est-morte_6225557_3382.html). Acesso em: 22 de fevereiro de 2026.

MIGUEL SOBRINHO, Ataiena Valéria da Luz. Experiência estética e perspectivas interculturais na leitura do texto literário em língua estrangeira. In: Pietraróia, Cristina Moerbeck Casadei; Costa, Heloisa Brito de Albuquerque. (Org.). **Leitura(s) em francês língua estrangeira**. Série Enjeu, v. 2. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 113-128.

MOÏ, Anna. L'autre. In: LE LEBRIS, Michel; ROUAUD, Jean (org.). **Pour une littérature-monde**. Paris: Galimard, 2007. p. 243-249.

PFAFF, Françoise. **Nouveaux entretiens avec Maryse Condé. Ecrivain et témoin de son temps.** Paris: Éditions Karthala, 2016.

PINHEIRO-MARIZ, Josilene. O desenvolvimento da competência intercultural em aula de francês língua estrangeira. In: Pietraróia, Cristina Moerbeck Casadei; Costa, Heloisa Brito de Albuquerque. (Org.). **Leitura(s) em francês língua estrangeira.** Série Enjeu, v. 2. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 87-101.

RIBEIRO, Aída Maria Jorge. **Maryse Condé, relatos (auto) biográficos.** Niterói, 2017. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense.

RICE, Alison. **Anna Moï.** Francophone Metronomes. 2020. Disponível em: <https://www.francophonemetronomes.com/moi>. Acesso em 22 de fevereiro de 2026.